

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- () COMUNICAÇÃO
- () CULTURA
- () DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- () EDUCAÇÃO
- () MEIO AMBIENTE
- (X) SAÚDE
- () TRABALHO
- () TECNOLOGIA

NEUROCIÊNCIAS E PROBLEMAS NO APRENDIZADO: AUXILIANDO PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO.

Gabriel Rodrigues Espelho Rossi (gabriel.espelhorossi@gmail.com)

Carlos Henrique Ferreira Camargo (chcamargo@uol.com.br)

Eduardo Antunes Martins (duduu_am@hotmail.com)

Luiz Felipe Garbuio (garbuio@msn.com)

RESUMO – Determinadas doenças neurológicas podem causar repercussões negativas no comportamento do indivíduo quando acontecem na infância. Entre essas doenças, podem ser citados o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), o autismo e a depressão. O atendimento de crianças com transtornos crônicos do comportamento geralmente demanda o trabalho de uma equipe multidisciplinar, e o professor tem um importante papel nessa abordagem, já que muitas dessas doenças cursam com dificuldades de aprendizagem e comportamento no ambiente escolar. Para melhorar a abordagem desses transtornos neurológicos pelos professores, foram feitos seminários e rodas de conversa com os professores na rede pública de ensino. Essas medidas foram feitas visando melhorar o entendimento dos professores sobre tais transtornos, lhes dando ferramentas suficientes para que consigam abordar as crianças de forma mais adequada. Isso deve ser feito considerando as necessidades individuais de cada criança. Dessa forma, podemos propor formas diferentes para utilização de conceitos da neurociência no aprendizado: oferecer uma abordagem adequada do aluno e da forma correta de aprendizagem específica de cada aluno; e oferecer um conhecimento teórico maior para professores e educadores.

PALAVRAS-CHAVE – Distúrbios neurológicos. Crianças. Aprendizado. Professores.

Introdução

Existem diversas definições de autores diferentes para o termo “dificuldade de aprendizagem”, mas, Matos considera que antes que se estabeleça o rótulo do aluno com dificuldade, deve-se buscar conhecer as supostas causas dessa anormalidade, diferenciando entre a influência de fatores relacionados à prática pedagógica ou condições socioeconômicas, e uma patologia que possa estar determinando a situação constatada.

O transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), por exemplo, constitui uma complexa desordem comportamental que leva a criança a graus variáveis de comprometimento na vida social, emocional, escolar e familiar. Quanto ao desempenho

escolar, a maioria das crianças com TDAH apresentam atraso no processo de aprendizagem, com deficiências específicas na leitura e na escrita.

Outro quadro que cursa com dificuldade de aprendizagem é a depressão na infância. Em crianças de 6 a 12 anos, o humor depressivo já pode ser verbalizado, e pode ser relatado como tristeza, irritabilidade ou tédio. Tais pacientes podem apresentar desempenho escolar fraco, podendo chegar à recusa escolar e relatos de concentração fraca, associados de outros sintomas depressivos.

Além destes, o autismo se caracteriza pelo desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e comunicação e pela presença de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. Segundo Camargo *apud* Shaffer (2009), diversos estudos têm demonstrado que dificuldades nas relações com pares (mesmo em crianças sem autismo) causam diversas conseqüências indesejáveis, entre elas uma maior probabilidade de apresentar um ajustamento escolar mais pobre e obter menos ganhos educacionais.

Quanto aos professores que acabam lidando com essas dificuldades de ajustamento escolar nesses transtornos (além de outras doenças neurológicas), a literatura demonstra que as escolas e professores têm uma falta de preparo muito grande para atender à demanda da inclusão e adaptação das crianças, e que a atuação do professor é fundamental para que a inclusão escolar aconteça de forma satisfatória.

Dessa forma, percebe-se que há uma necessidade de abordar esses professores, especialmente da rede pública de educação, para que de acordo com o conhecimento das doenças neurológicas que podem causar dificuldades no aprendizado, sua atuação seja mais adequada com cada aluno, visando o benefício das próprias crianças.

Objetivos

O objetivo da abordagem dos professores visa auxiliá-los no cuidado e em como agir frente a crianças com distúrbios neurológicos, que estejam apresentando dificuldades de aprendizagem. Os transtornos abordados foram a depressão, o TDAH e o autismo, com um foco maior nos últimos dois citados. Isso se deve ao fato de que ambas as doenças têm sido diagnosticadas com mais frequência no cenário médico atual, e não limitam a inserção dos portadores no cenário escolar desde que os educadores sejam treinados e conheçam os aspectos pertinentes da doença.

Referencial teórico-metodológico

Desde o início da liga, priorizou-se o contato com a comunidade. Nesse contexto, identificamos a necessidade de suporte aos professores e educadores que entram em contato com crianças e adolescentes especialmente com diagnóstico de TDAH e autismo. Foram realizadas contatos e visitas com professores e pedagogos de escolas públicas da cidade de Ponta Grossa. Nas visitas realizadas foram feitas rodas de conversa e brincadeiras educativas para tentar ilustrar de forma lúdica a doença, tanto para os professores, quanto para as crianças. De forma mais técnica, foram apresentados seminários abordando os aspectos clínicos das doenças, visando tirar as dúvidas dos profissionais da educação quanto ao manejo educacional dos portadores, principalmente no que se refere ao TDAH, que por vezes pode ser mais complicado.

Resultados

A aprendizagem é uma mudança no comportamento resultante da experiência ou prática e depende da interação entre fatores individuais e ambientais (FONSECA, 1995). Considerando que a neurociência é uma das áreas do conhecimento biológico que utiliza os achados de diversas faculdades do conhecimento, como por exemplo, a neurofisiologia, a neurofarmacologia, a psicologia, com a finalidade de esclarecer como funciona o sistema nervoso (PURVES *et al.*, 2010), ela é uma ferramenta essencial para auxílio a professores com relação ao aprendizado de crianças e adolescentes.

Em nossa atuação, assim como ocorreu com a literatura (LIMA *et al.*, 2006), houve grande quantidade de queixas com relação ao número de jovens com algum tipo de problema de aprendizado ou atenção. Assim como constataram Graminha e Martins, os pais que buscam atendimento e auxílio psicológico para os filhos geralmente possuem múltiplas queixas a seu respeito. Contudo, a maior parte delas (pelo menos as mais expressivas) estão intimamente relacionadas com o rendimento escolar, brigas escolares, desavenças com professores e colegas e dificuldade no desenvolvimento de habilidades acadêmicas que são geralmente requeridas para um bom rendimento escolar.

Outras queixas que podem existir e serem referidas pelos pais, segundo alguns autores (LIMA *et al.*, 2006), não foram tão fortemente verificadas nos indivíduos em questão. Essas queixas vão desde alterações de memória e fala até mudanças sociais e cognitivas graves.

Desta maneira, com o perfil epidemiológico básico apresentado, podemos propor duas maneiras distintas para utilização, por parte dos educadores, da neurociência no

aprendizado: oferecer uma abordagem adequada do aluno e da forma correta de aprendizagem específica de cada aluno, beneficiando, assim, as crianças portadoras dos transtornos neurológicos com relação ao aprendizado escolar, acompanhamento dos colegas de classe e adaptação adequada ao ambiente escolar, sem discriminações e diferenciações de outros jovens; e oferecer um conhecimento teórico maior para professores e educadores, com a finalidade de melhorar a assistência a alunos com déficits neurológicos.

Talvez o maior dos desafios dos educadores seja viabilizar uma aula que promova atenção, memória e aprendizado em longo prazo. Esses fatos são criados basicamente com a utilização de alguma modalidade sensorial de nosso sistema nervoso, conceito esse descrito pela própria neurociência. Dessa forma o educador pode utilizar de artifícios que agucem algum dos “sentidos”, como a audição, visão ou somestesia, comumente chamada de tato (PURVES *et al.*, 2010). É interessante perceber que, como fora provado por estudos na neurociência, a maneira de observação e análise do universo varia de acordo com o indivíduo e, com isso, a modalidade sensitiva específica para um melhor aprendizado varia de aluno para aluno.

Ao aplicarmos esses conceitos de neurociências na vida cotidiana de educadores, o aluno provavelmente terá um aprendizado muito facilitado. Dessa maneira, quando ciente da modalidade de aprendizagem de seu aluno, o professor saberá quais estratégias mais adequadas utilizar e certamente fará uso desse grande e inigualável meio facilitador no processo ensino-aprendizagem, salientando a importância e relação de considerações neurológicas na vida acadêmica de alunos e professores do ensino fundamental e médio.

O segundo ponto em que a neurociência pode ser utilizada a favor de professores é no melhor entendimento das doenças neurológicas e a definição de patológico. Ao longo do processo avaliativo, as queixas escolares devem ser minuciosamente investigadas. Neste momento, devemos considerar que o profissional avaliador precisa ter clareza de que nem sempre o grupo de queixas apresentadas por pais tem origem na própria criança. Deste modo, a análise das queixas e das dificuldades apresentadas pelos jovens também deve ser realizada considerando os contextos nos quais elas são produzidas, ou seja, na família e na própria escola (CABRAL *et al.*, 2001).

Caso esses pontos essenciais sejam respeitados, muitas crianças com problemas neurológicos poderão ser adequadamente reconhecidas e tratadas de forma adequada para que consiga obter um bom rendimento escolar. Além disso, há um conhecimento adquirido enorme por parte dos professores, o que melhora a forma e maneira de ação destes mestres em relação a situações difíceis e conflitantes.

Considerações Finais

Com os resultados apresentados e o conhecimento adquirido, pode-se perceber que as dificuldades de aprendizagem são queixas comuns de diversos componentes da dinâmica social da criança, citando-se principalmente os pais e os professores. Essas alterações podem ser resultantes de diversos problemas neurológicos sérios, sendo que devem ser adequadamente pesquisados e manejados.

A forma de ação frente a dificuldades de aprendizagem são esboçadas em harmonia com concepções que diversos tipos de profissionais possuem das queixas e diagnósticos. Portanto, a utilização de conceitos de neurociência para a conscientização de educadores é de suma importância para a criança e o jovem com problemas neurológicos. Para tanto, é fundamental que o diagnóstico e a intervenção ocorram de maneira interdisciplinar, de acordo com as necessidades apresentadas pela criança.

Com isso, pode-se perceber que o papel da escola e, mais importante, do educador é de suma necessidade para o prognóstico favorável dessa criança com alterações de aprendizagem. A utilização de técnicas derivadas de conceitos da neurociência é essencial para isso, além de motivar outros alunos e melhorar as aulas ministradas por professores do ensino fundamental e médio.

Referências

ANTONY, Sheila; RIBEIRO, Jorge Ponciano. **A Criança Hiperativa: Uma Visão da Abordagem Gestáltica**. Psicologia: Teoria e Pesquisa; Vol. 20 n. 2 pp. 127-134. Mai-Ago 2004.

BAHLS, Saint-Clair. **Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes**. J Pediatr (Rio J); 78 (5): 359-66. 2002.

CABRAL, E, SAWAYA, SM. Concepções e atuação profissional diante das queixas escolares: os psicólogos nos serviços públicos de saúde. **Estudos de Psicologia** (Natal); 6:143-155, 2001.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher, BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura**. Psicologia & Sociedade; 21 (1): 65-74, 2009.

FONSECA, Valéria. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 388p.

GRAMINHA, SSV, MARTINS, MAO. Dificuldades de aprendizagem escolar: um estudo de problemas associados. **Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (Org.)**. Programa e Resumos. XXIV Reunião anual de Psicologia (p. 258). Ribeirão Preto: SPRP, 1994.

LIMA, Ricardo Franco de, *et al.* Dificuldades de aprendizagem: queixas escolares e diagnósticos em um Serviço de Neurologia Infantil. **Revista de Neurociências**. V14 N4 - OUT/DEZ, 2006.

MATOS, Élida dos Reis, *et al.* **Dificuldades de Aprendizagem: uma análise das causas e implicações no processo pedagógico em alunos nas séries iniciais do ensino fundamental.** Disponível em <http://reuni.unijales.edu.br/unijales/arquivos/28022012094506_242.pdf>. Acesso em 03/04/2014.

PURVES, D, *et al.* **Neurociências**. Artmed Editora, 4ª. Ed, Porto Alegre, 2010.